

INDÚSTRIA DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

Fernando Luiz E. Viana

Engenheiro Civil. Mestre em Engenharia de Produção, Doutor em Administração
Coordenador de Estudos e Pesquisas do ETENE/BNB

Resumo: A indústria de bebidas constitui um importante setor da indústria de transformação, com dezenas de milhares de empregos distribuídos em todo o Brasil. Devido à presença de vários fornecedores locais e internacionais e de grandes *players* com atuação global, o mercado é altamente competitivo e a concorrência tem se intensificado, tendo como principais direcionadores o preço e a diferenciação de produtos, havendo lançamento de novos produtos com maior frequência nos anos recentes. O mercado global de bebidas alcoólicas tem apresentado crescimento tímido nos últimos anos, sob forte influência da retração das vendas de cervejas, que teve como contraponto o aumento consistente das vendas de *spirits*, segmento que tem se beneficiado do crescimento da “cultura dos coquetéis” e, também, da busca pelo consumo de bebidas consideradas “premium”. Com relação à dinâmica recente do mercado brasileiro de bebidas alcoólicas, podem-se destacar três fenômenos que se consolidaram: (1) Parte dos consumidores, especialmente os de menor renda, migrou suas compras para marcas mais baratas em algumas categorias no período de crise, além de reduzir a frequência das compras para muitos tipos de produtos; (2) Entre os novos hábitos de compras, está a tendência de se beber menos, mas marcas de melhor qualidade, o que

também deve ter influenciado o declínio supracitado; (3) Observou-se uma tendência crescente de se consumir bebidas alcoólicas em casa, e não nos canais de comércio, o que foi fortemente reforçada com a crise da pandemia do COVID-19, situação em que as vendas de bebidas alcoólicas no chamado mercado “on-trade” (bares, restaurantes, hotéis etc.) foram fortemente atingidas. Em função desse cenário, o mercado mundial deve apresentar forte queda (-8,3%) no consumo de bebidas alcoólicas (em volume) em 2020, em relação a 2019, enquanto no Brasil essa queda deve ser ainda maior, da ordem de 16,3%. Além dos impactos de curto prazo associados às medidas de isolamento social adotadas em diversos países do mundo, que afetou drasticamente o mercado “on-trade”, o principal desafio que as empresas precisarão lidar, no longo prazo, refere-se a uma possível mudança radical nos padrões de consumo (que será geracional), que se configurará o “novo normal”. Isso inclui o fortalecimento das vendas on-line, o questionamento do “mantra” da premiumização e o redesenho dos momentos de encontros, que poderão ser direcionados à virtualização.

Palavras-chave: Bebidas Alcoólicas; COVID-19; Comportamento do Consumidor.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente). Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coelho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Júnior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Francisco Kaique Feitosa Araujo e Marcus Vinicius Adriano Araujo (Bolsistas de Nível Superior).

O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão “Economia Regional”. Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo. Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O presente documento apresenta informações sobre a indústria de bebidas, especificamente no segmento de bebidas alcoólicas. Esta análise contextualiza o cenário de toda a indústria de bebidas alcoólicas, que engloba o grupo 11.1 (fabricação de bebidas alcoólicas) da divisão 11 (fabricação de bebidas) da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), incluindo as atividades que compõem as seguintes classes: 11.11-9 (Fabricação de aguardentes e outras bebidas destiladas), 11.12-7 (Fabricação de vinho) e 11.13-5 (Fabricação de malte, cervejas e chopes). Vale ressaltar que alguns dados serão apresentados utilizando a classificação dos produtos mais usual no mercado mundial de bebidas alcoólicas:

- Cervejas;
- *Spirits*: engloba os principais tipos de destilados, tais como uísque, vodca, gin, tequila, aguardente, entre outros;
- Vinhos;
- Cidras: bebidas preparadas a partir de suco de maçã, possuindo como semelhante as chamadas *perries*, preparadas a partir de suco de pera;
- *Ready-to-drinks* (RDTs)/*High-Strength Premixes* (HS): bebidas que constituem uma mistura de um *spirit*, um vinho ou malte com uma bebida não alcoólica, servidas pré-misturadas e prontas para beber. Um exemplo de RDT bem conhecido no Brasil é a Smirnoff Ice.

A indústria de bebidas constitui um importante setor da indústria de transformação, tendo obtido faturamento de R\$ 137,0 bilhões em 2019, o que é equivalente a 1,9% do PIB brasileiro daquele ano e 4,8% do valor bruto da produção (*Proxy* do PIB) da indústria de transformação (ABIA, 2020).

Apesar de não ser um setor intensivo em mão de obra, em termos absolutos constitui grande empregador, com dezenas de milhares de empregos distribuídos em todo o Brasil. O setor possui ampla distribuição regional da produção, devido às características dos produtos, que têm a água como insumo básico. No Brasil, entre as bebidas alcoólicas, a cerveja tem grande destaque, tendo sido responsável por

mais de 91,4% do consumo de bebidas alcoólicas (em volume) do País em 2019 (Euromonitor Internacional, 2020a).

Em termos mundiais, a indústria de bebidas alcoólicas também tem importância significativa em diferentes países. Devido à presença de vários fornecedores locais e internacionais e de grandes *players* com atuação global, o mercado é altamente competitivo e a concorrência tem se intensificado, tendo como principais direcionadores o preço e a diferenciação de produtos, havendo lançamento de novos produtos com maior frequência nos anos recentes.

O mercado global de bebidas alcoólicas tem apresentado crescimento tímido nos últimos anos, sob forte influência da retração das vendas de cervejas, que teve como contraponto o importante aumento das vendas de *spirits*, segmento que tem se beneficiado do crescimento da “cultura dos coquetéis” e, também, da chamada *premiumisation*, ou seja, a busca pelo consumo de bebidas consideradas “premium”. Essas tendências têm, a despeito do baixo crescimento (ou mesmo estagnação) das vendas em volume, propiciado um crescimento um pouco maior das vendas em valores financeiros. Nesse contexto de baixo crescimento, que deve permanecer nos próximos anos (ver seção 5), os países asiáticos e alguns países africanos têm assumido um papel relevante.

Especificamente em 2020, a pandemia do COVID-19 atingiu fortemente as vendas de bebidas alcoólicas no chamado mercado “on-trade” (bares, restaurantes, hotéis etc.), que é o principal canal de vendas desse tipo de produto, na maioria dos países do mundo, que adotaram medidas de isolamento social. Entretanto, além das consequências de curto prazo para as vendas, a pandemia pode trazer mudanças importantes no comportamento do consumidor no médio e longo prazo, o que poderá remodelar a indústria de bebidas alcoólicas (Euromonitor International, 2020d). Na seção 3 (perspectivas) tais possíveis mudanças serão discutidas com maior propriedade.

Além de empresas que possuem destaque no mercado global de bebidas alcoólicas, o mercado brasileiro tem, entre os líderes de mercado, empresas que possuem atuação mais restrita a alguns mercados regionais, conforme pode ser visto no **Quadro 1**.

Quadro 1 – Empresas líderes do mercado brasileiro de bebidas alcoólicas

Empresa ou Grupo Empresarial	Tipo de bebida dos principais produtos	% Mercado Nacional 2019 (em volume)
Anheuser-Busch Inbev	Cerveja	57,8
Heineken NV	Cerveja	17,9
Cervejaria Petrópolis S/A	Cerveja	11,8
Cia Muller de Bebidas Ltda	Cachaça, <i>spirits</i> e RDT's	0,8
Diageo Plc	Cerveja, uísque, vodca	0,8
Indústrias Reunidas de Bebidas Tatuzinho/3 Fazendas Ltda	Cachaça, vodca e gin	0,5
Engarramento Pitú Ltda	Cachaça, RDT's/HS	0,4
Campari Milano SpA, Davide	<i>Spirits</i>	0,3
Arbor Brasil Indústria de Bebidas Ltda	Cerveja, vinho, <i>spirits</i> , RDT's	0,3
Pernod Ricard Groupe	Uísque, vodca, gin, rum	0,3

Fonte: Euromonitor International (2020c). Elaboração do ETENE/BNB.

Destaca-se, entre as empresas líderes no mercado brasileiro, a presença de importantes fabricantes nacionais de cachaça, entre os quais marca presença a Pitu, empresa com sede no estado de Pernambuco e forte presença no mercado nordestino.

Apesar de o mercado brasileiro apresentar algumas particularidades em comparação com os mercados de países desenvolvidos, bem como manter certa heterogeneidade entre as diferentes regiões do País, entende-se que as empresas que atuam no Brasil devem atentar às tendências observadas no mercado internacional.

2 DESEMPENHO RECENTE

Os tópicos seguintes apresentam informações referentes às principais variáveis associadas ao desempenho da

indústria de bebidas alcoólicas, considerando os grupos CNAE cobertos pelo presente trabalho.

2.1 Produção e Vendas

Com relação à produção da indústria brasileira, os dados da Pesquisa Industrial Anual Produto (PIA Produto) do IBGE (2020a), atualizados até 2019, mostram que, após um período de queda que coincidiu com a crise econômica brasileira (2015/2016), a produção de bebidas alcoólicas iniciou uma retomada em 2018 (Tabela 1). A fabricação de cervejas e chopes possui grande destaque, atingindo, em 2019, 87,3% do total produzido em milhares de litros, embora esse tipo de bebida venha perdendo participação relativa nos últimos anos.

Tabela 1 – Evolução da produção (em milhares de litros) da indústria de bebidas alcoólicas do Brasil: 2015-2019

CLASSE CNAE	2015	2016	2017	2018	2019
Fabricação de aguardentes e outras bebidas destiladas	1.159.198	1.449.987	1.356.379	1.364.517	1.430.014
Fabricação de vinho	546.787	595.446	630.744	634.528	664.986
Fabricação de cervejas e chopes ¹	14.260.955	13.880.510	13.714.714	13.797.002	14.459.258
Total	15.966.940	15.925.943	15.701.837	15.796.048	16.554.258

Fonte: IBGE (2020a, 2020b)². Elaboração do ETENE/BNB.

Notas: (1) A produção de malte é medida em toneladas e, portanto, foi desconsiderada do total da respectiva classe (1113-5).

(2) Dados de 2015 a 2017 da PIA Produto. Dados de 2018 e 2019: Estimativas a partir dos dados da PIM-PF.

Influenciada pelos anos de crise, a produção de bebidas alcoólicas cresceu apenas 3,7% no período 2015-2019, com maior destaque para a produção de vinhos (21,6%). Trata-se de um dado relevante, tendo em vista que a região Nordeste (Vale do São Francisco) tem aumentado sua participação na produção de vinho nacional.

No que diz respeito às quantidades vendidas, os dados da PIA Produto mostram um cenário (Tabela 2) seme-

lhante ao observado para a produção. Cervejas e chopes também se destacam como principais produtos vendidos, chegando ao pico de participação de 89,3% em 2015, mas com queda contínua nos últimos anos, finalizando o período com 83,0% de participação em 2019. De forma semelhante, no mercado mundial a cerveja constitui a principal bebida alcoólica vendida, embora com menor participação no mercado, englobando 78,0% das vendas em volume no ano de 2019 (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2020b).

Tabela 2 – Evolução das vendas (em milhares de litros)¹ da indústria de bebidas alcoólicas do Brasil: 2015-2019

CLASSE CNAE	2015	2016	2017	2018	2019
Fabricação de aguardentes e outras bebidas destiladas	998.024	1.198.246	1.170.712	1.177.736	1.234.268
Fabricação de vinho	479.136	613.397	562.183	565.556	592.703
Fabricação de cervejas e chopes ¹	12.348.342	11.973.700	11.551.636	11.620.946	12.178.751
Total	13.825.502	13.785.343	13.284.531	13.364.238	14.005.722

Fonte: IBGE (2020a, 2020b)². Elaboração do ETENE/BNB.

Notas: (1) A produção de malte é medida em toneladas e, portanto, foi desconsiderada do total da respectiva classe (1113-5).

(2) Dados de 2015 a 2017 da PIA Produto. Dados de 2018 e 2019: Estimativas a partir dos dados da PIM-PF.

É importante salientar que os dados apresentados anteriormente da PIA-Produto contemplam apenas a produção e as vendas de unidades produtivas localizadas no Brasil, ou seja, da indústria para o varejo, não considerando os fluxos de importação e exportação. Logo, para se ter

uma ideia do consumo de bebidas, é necessário computar as vendas no varejo (*off trade*) e em bares e restaurantes (*on trade*). A Tabela 3 apresenta os dados consolidados de vendas de bebidas alcoólicas no Brasil no período 2015-2019, por tipo de bebida.

Tabela 3 – Vendas de bebidas alcoólicas no Brasil por categoria (em milhares de litros): 2015-2019

Tipos de Bebidas	2015	2016	2017	2018	2019
Cerveja	13.282.600	12.602.700	12.385.000	12.202.400	12.634.000
Vodca, Whisky, Cachaça, Gin e outros (<i>spirits</i>)	726.236	712.173	708.221	707.904	712.113
Vinho	352.200	325.000	316.000	321.900	330.400
RDTs/HS	92.127	126.312	129.243	130.891	135.117
Cidras	15.679	16.060	16.395	16.722	17.046
Total	14.468.843	13.782.245	13.554.859	13.379.816	13.828.676

Fonte: Euromonitor International (2020a).

Percebem-se algumas diferenças nos valores apresentados nas tabelas 2 e 3, o que é esperado, tendo em vista os fluxos de importação e exportação, conforme supracitado. Independentemente das diferenças, a predominância das cervejas (91,4% das vendas) se confirma. Ademais, percebe-se a tendência de retomada do crescimento das vendas a partir de 2019, que sofrerá interrupção em 2020 em função da pandemia da COVID-19. Os números da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) do IBGE referente a março/2020 (IBGE, 2020b) mostram uma queda de 4,7% na produção de bebidas alcoólicas no primeiro trimestre de 2020, em relação ao mesmo período do ano passado. Essa queda deve se mostrar superior nos próximos meses, enquanto perdurarem as medidas de isolamento social, tendo em vista que as bebidas alcoólicas têm forte dependência de vendas no mercado “on-trade”. Pesquisa realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e publicada no dia 16 de maio, revelou que 50% dos brasileiros reduziram seu consumo de bebidas alcoólicas durante a pandemia.

Ressalta-se no período observado o crescimento do consumo de RDTs, de 46,6%, padrão bastante diferente das demais categorias. A partir de 2018 o Brasil passou a ser o 7º maior mercado mundial para esse tipo de produto. Bebidas como a Skol Beats (Ambev) e a Catuaba Selvagem (Arbor Indústria de Bebidas Ltda) foram os principais beneficiários do forte crescimento no consumo desse tipo de bebida. Oferecendo preços unitários relativamente baixos, sabores familiares e maior conteúdo de ABV (álcool por volume), os RTDs são especialmente populares entre jovens adultos com renda disponível limitada. Embora as restrições orçamentárias tenham levado muitos brasileiros a começar a consumir RDTs durante a crise econômica, esses produtos ganharam uma imagem altamente na moda. Mesmo com os sinais de recuperação econômica pós-crise, muitos consumidores possivelmente não abandonarão esse novo hábito (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2019).

Com relação à dinâmica recente do mercado brasileiro de bebidas alcoólicas, podem-se destacar três fenômenos que se consolidaram : (1) Parte dos consumidores, especialmente os de menor renda, migrou suas compras para marcas mais baratas em algumas categorias no período de crise, além de reduzir a frequência das compras para muitos tipos de produtos; (2) Entre os novos hábitos de compras, está a tendência de se beber menos, mas marcas de

melhor qualidade, o que também deve ter influenciado o declínio supracitado; (3) Observou-se uma tendência crescente de se consumir bebidas alcoólicas em casa, e não nos canais de comércio, o que foi fortemente reforçada com a crise da pandemia do COVID-19. A propósito, certamente o pós-pandemia trará mudanças importantes no comportamento do consumidor e, conseqüentemente, na dinâmica do mercado, o que será comentado na seção 3 (perspectivas).

Em linha com os fenômenos supracitados, no segmento das cervejas as marcas do tipo Premium têm mostrado um crescimento acima de média no mercado brasileiro. Entre as grandes companhias produtoras de cerveja, a Heineken tem se destacado pela venda de sua marca mais famosa, que teve crescimento expressivo de 40% das suas vendas (em volume) em 2018, o que fez com que a empresa alcançasse o teto de sua capacidade de produção da cerveja Heineken naquele ano (MALTA; BOUÇAS, 2018). Esse desempenho fez com que as empresas concorrentes buscassem o fortalecimento de seu posicionamento no segmento considerado Premium. No caso da Ambev, por exemplo, uma das estratégias foi introduzir no mercado brasileiro a marca Beck's, de origem alemã, por meio de importação.

As estratégias adotadas pelas grandes cervejarias também buscam um posicionamento no mercado das cervejas artesanais, que são consideradas um produto premium. Tal mercado tem apresentado forte crescimento no Brasil, o que se reflete na quantidade de novas cervejarias abertas anualmente. De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA (2020), O crescimento da atividade cervejeira no Brasil vem avançando de forma sustentada nos últimos anos, e os números de registro de cervejarias e de cerveja confirmam essa tendência. Em 2019 foi alcançada a marca de 1.209 cervejarias registradas, em 26 unidades da federação, frente a 889 que existiam em 2018 (crescimento de 36,0%). A distribuição por unidade da federação ainda mantém a concentração na região Sul-Sudeste com mais de 80% dos estabelecimentos, mas mostra grande avanço na região Nordeste. O estado que apresenta maior número de cervejarias é São Paulo que ultrapassou o Rio Grande do Sul do último levantamento para o atual, seguidos de Minas Gerais, Santa Catarina e Paraná, todos com mais de cem cervejarias. Apesar da maior concentração de cervejarias nos estados do Sul e Sudeste, alguns estados do Nordeste, como Rio Grande do Norte, Alagoas e Bahia, apresentam

crescimentos notáveis com taxas de 122%, 75% e 68% respectivamente. Entre os estados do Nordeste, os cinco com maior quantidade de cervejarias são: Bahia (20), Rio Grande do Norte (20), Pernambuco (16), Ceará (14) e Alagoas (7).

Para uma melhor compreensão do comportamento da demanda total por bebidas alcoólicas, é essencial a avaliação do comércio internacional desses produtos.

No que diz respeito às exportações, percebe-se certa volatilidade nos valores das exportações entre 2015

e 2019, com movimentos de queda, retomada e nova queda, conforme mostra a Tabela 4. As cervejas e chopes constituem os principais produtos da pauta de exportações brasileira de bebidas alcoólicas, sendo responsável por 63,2% do valor exportado em 2019. Entre os produtos exportados, apenas os vinhos apresentaram crescimento no período considerado. Já em 2020, os dados dos quatro primeiros meses mostram um crescimento de 17,5% das exportações de bebidas alcoólicas em relação ao mesmo período de 2019, fortemente ancorado no crescimento das exportações de cervejas e chopes (29,5%).

Tabela 4 – Exportações brasileiras de bebidas alcoólicas (US\$ Mil FOB): 2015-2019

Classes CNAE	2015	2016	2017	2018	2019
Fabricação de aguardentes e outras bebidas destiladas	33.068	33.567	40.252	37.113	33.001
Fabricação de vinho	8.266	9.585	13.632	13.280	14.978
Fabricação de malte, cervejas e chopes	93.033	82.185	103.265	92.742	82.549
Total	134.367	125.337	157.149	143.135	130.528

Fonte: FUNCEXDATA (2020). Elaboração do BNB/ETENE.

Já as importações, de forma diferente, apresentaram um comportamento de crescimento consistente nos últimos 3 anos, que coincide com o período pós-crise no Brasil. No período de 5 anos esse crescimento foi de 22%, com destaque para os vinhos entre 2016 e 2018 e as cervejas entre 2018 e 2019. Adicionalmente, os valores envolvi-

dos são bem maiores do que aqueles das exportações. O grande montante importado explica-se pelo aumento do consumo de cervejas especiais e vinhos, bem como consolidação do mercado de destilados, especialmente de uísques e, mais recentemente, do gin, o que representa uma maior sofisticação do mercado brasileiro de bebidas.

Tabela 5 – Importações brasileiras de bebidas alcoólicas (US\$ Mil FOB): 2015-2019

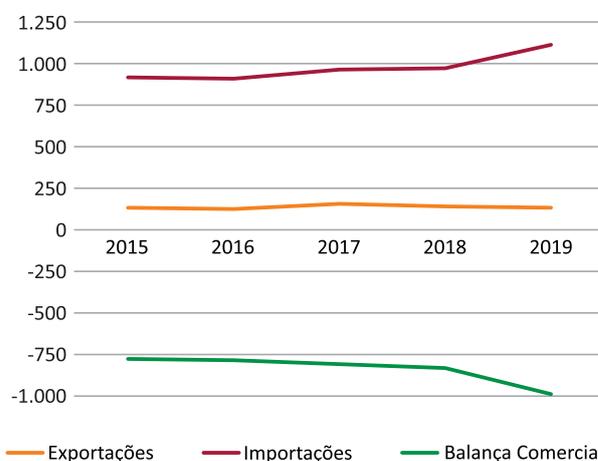
Classes CNAE	2015	2016	2017	2018	2019
Fabricação de aguardentes e outras bebidas destiladas	152.702	114.128	149.483	146.869	156.142
Fabricação de vinho	294.464	283.829	372.544	377.607	373.757
Fabricação de malte, cervejas e chopes	467.251	511.751	445.463	451.118	586.181
Total	914.417	909.709	967.490	975.594	1.116.080

Fonte: FUNCEXDATA (2020). Elaboração do BNB/ETENE.

Os dados referentes ao comércio exterior mostram que a balança comercial da indústria de bebidas alcoólicas brasileira tem sido amplamente deficitária no período analisado, totalizando US\$ 986 milhões de déficit em 2019, o que é de difícil reversão no futuro próximo, tendo em vista o grande espaço que algumas bebidas importadas têm no Brasil, bebidas essas em que há dificuldade de adoção de estratégias de substituição de importações, em função de suas características de produção.

Com relação aos principais parceiros do Brasil no comércio exterior de bebidas alcoólicas, destacam-se como destino, em 2019, países da América do Sul, tais como Paraguai, Bolívia, Uruguai e Argentina, além dos Estados Unidos. Como o mercado brasileiro de cervejas é dominado por grandes multinacionais, o Brasil funciona como importante abastecedor desses países sul-americanos.

Gráfico 1 – Balança comercial da indústria brasileira de bebidas alcoólicas no período 2015-2019 (US\$ milhões FOB)



Fonte: FUNCEXDATA (2020). Elaboração do BNB/ETENE.

Por outro lado, no que diz respeito às importações, os países produtores das principais bebidas importadas têm destaque: vinho (Argentina, Uruguai, Chile, França, Portugal, Itália, Espanha e Estados Unidos), uísque e gin (Reino Unido) e cerveja (Bélgica e Estados Unidos). Conforme supracitado, torna-se muito difícil estabelecer uma política de substituição de importações de bebidas oriundas desses países, principalmente nos casos dos vinhos e uísques.

2.2 Emprego e Capacidade Instalada

Após dois anos de forte retração econômica (2015 e 2016), a economia brasileira apresentou três anos de recuperação, embora em níveis baixos de crescimento do PIB: 1,3% em 2017, 1,3% em 2018 e 1,1% em 2019. Adicionalmente, vive-se um período de inflação dentro da meta e queda dos juros. Entretanto, a taxa de desemprego segue elevada (taxa de desocupação média de 11,9% em 2019, de acordo com a PNAD contínua do IBGE), o que tem reflexo na renda dos consumidores e, portanto, no consumo de bens em geral.

Na indústria de bebidas alcoólicas do Brasil, os números relativos ao emprego nos últimos cinco anos (2015-2019) mostram uma leve recuperação, iniciada em 2017, após quedas sucessivas em 2015 e 2016, certamente atrelada à crise econômica brasileira. Com isso, o crescimento acumulado do emprego no setor, entre 2015 e 2019, foi de apenas 2,0% no Brasil; já no Nordeste observou-se uma queda de 18,5%, mesmo com a tendência de recuperação. A dimensão dessa queda no Nordeste explica-se pela forte expansão observada nos anos anteriores, especialmente entre 2010 e 2014. Como destaque nacional de crescimento no período (considerando-se a representatividade dos estados no total do emprego), têm-se os Estados de Minas Gerais (47,0%) e Paraná (42,9%). No Nordeste, destaca-se positivamente a Bahia (29,0%) (Tabela 8), resultado esse influenciado pela expansão e/ou instalação de unidades produtoras de cerveja nesse estado. Por outro lado, o resultado negativo do Ceará (-32,3%) sofreu influência do fechamento de uma fábrica da Heineken, após a aquisição da Brasil Kirin, para que a empresa mantivesse apenas uma unidade em funcionamento no estado. Pernambuco também registrou uma queda importante do número de vínculos empregatícios na indústria de bebidas no período, de 31,7%.

Tabela 8 – Evolução do emprego na indústria de bebidas alcoólicas no período 2015-2019¹: Brasil, Nordeste e UF

Estado	2015	2016	2017	2018	2019
Acre	6	4	0	14	28
Alagoas	34	39	188	225	229
Amapá	4	2	8	0	0
Amazonas	779	721	688	661	664
Bahia	2.238	2.496	2.541	2.711	2.886
Ceará	2.877	2.576	1.822	1.863	1.948
Distrito Federal	104	86	86	101	114
Espírito Santo	177	165	162	212	255

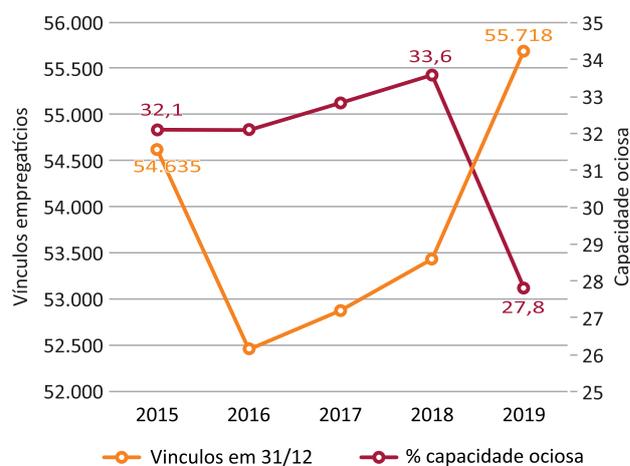
Estado	2015	2016	2017	2018	2019
Goiás	1.849	2.045	2.262	2.322	2.363
Maranhão	1.503	1.406	1.276	1.095	1.081
Mato Grosso	1.276	1.295	1.178	1.166	1.207
Mato Grosso do Sul	19	16	20	22	24
Minas Gerais	2.967	2.963	3.487	4.088	4.362
Pará	943	943	1.045	1.096	1.112
Paraíba	1.194	1.024	739	902	984
Paraná	1.628	1.674	1.973	2.215	2.310
Pernambuco	5.914	4.203	4.132	4.077	4.037
Piauí	517	476	480	485	501
Rio de Janeiro	6.073	5.890	5.931	6.052	5.908
Rio Grande do Norte	365	307	303	272	276
Rio Grande do Sul	5.329	5.103	5.152	5.515	5.782
Rondônia	0	0	1	21	21
Roraima	6	2	4	11	11
Santa Catarina	1.777	1.782	1.881	1.998	2.237
São Paulo	16.609	16.830	17.136	15.919	17.003
Sergipe	447	413	374	371	354
Tocantins	0	0	2	18	21
Região Nordeste	15.089	12.940	11.855	12.001	12.296
Brasil	54.635	52.461	52.871	53.432	55.718

Fonte: RAIS (2020) e CAGED (2020). Elaboração do ETENE/BNB

Notas: (1) Dados de 2019 estimados a partir do saldo de movimentação do CAGED

Com o comportamento apresentado para o emprego no período analisado, a capacidade ociosa do setor manteve-se relativamente estável entre 2015 e 2018, havendo melhoria (queda da capacidade ociosa) em 2019, quando atingiu o mínimo de 27,8% no período, condizente com o aumento dos vínculos empregatícios, conforme pode ser observado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Desempenho recente do número de empregos e capacidade ociosa¹ da indústria brasileira de bebidas alcoólicas: 2015 a 2019



Fonte: RAIS (2020) e CNI (2020). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) A capacidade ociosa informada considera toda a indústria de bebidas, inclusive de bebidas não alcoólicas.

O índice de utilização da capacidade produtiva do setor, que variou de 66,4% a 72,2%, está abaixo da média da indústria de transformação, em um patamar que indica

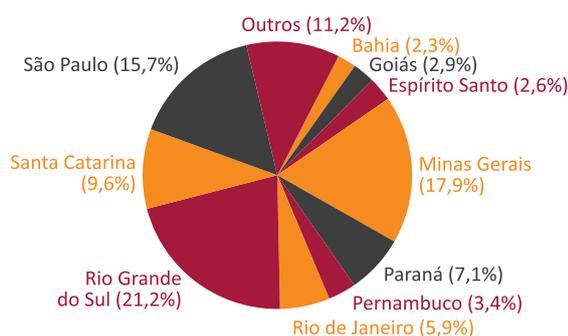
que a indústria de bebidas tem operado com sobrecapacidade ao longo dos últimos anos, o que pode ser considerado um indicador de que não deverá haver grandes investimentos em ampliação da capacidade por parte das empresas do setor, especialmente nos segmentos mais tradicionais. Possíveis investimentos devem ser direcionados para adaptações relacionadas a mudanças no mix de produtos, visando às adaptações necessárias para o alinhamento às novas tendências do consumo.

2.3 Distribuição Regional da Produção

Conforme supracitado, a indústria de bebidas alcoólicas, apesar de não ser um setor intensivo em mão de obra, em termos absolutos, constitui grande empregador, com dezenas de milhares de empregos distribuídos em todo o Brasil. O setor possui ampla distribuição regional da produção, devido às características dos produtos, que têm a água como insumo básico. Em 2018, a indústria de bebidas alcoólicas concentrava 0,8% dos empregos da indústria de transformação do Brasil e 1,3% dos empregos da indústria de transformação do Nordeste. Logo, a indústria de bebidas alcoólicas tem maior importância para a geração de empregos no Nordeste do que no Brasil.

Apesar da citada distribuição regional da produção, com a presença de unidades produtivas em todos os estados brasileiros, percebe-se que, em nível regional (grandes regiões), há uma concentração da produção nos estados mais populosos (Gráfico 3). A partir das plantas industriais localizadas nesses estados, há uma distribuição dos produtos para os demais estados da mesma região. A quantidade de estabelecimentos é influenciada também pelo perfil das empresas fabricantes de bebidas, em termos de tamanho (pequena x grande empresa).

Gráfico 3 – Distribuição geográfica (%) das empresas brasileiras da indústria de bebidas alcoólicas em 2018



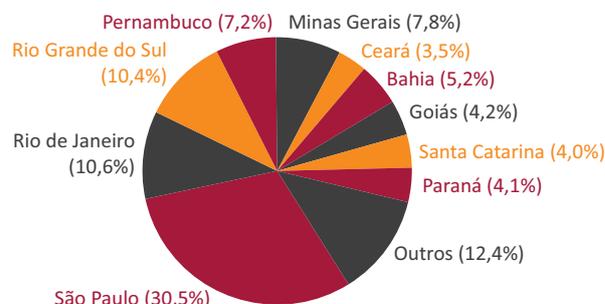
Fonte: RAIS (2020). Elaboração do ETENE/BNB.

As exceções entre os dez estados mais populosos na lista dos dez estados com maior número de estabelecimentos da indústria de bebidas alcoólicas são o Ceará e o Pará. Goiás (12º estado mais populoso) e Espírito Santo (15º estado mais populoso) fazem parte da lista, o primeiro por conta da sua importância logística para o abastecimento do mercado da Região Centro-Oeste, e o segundo devido ao crescimento da produção de cervejas artesanais.

No caso dos empregos (dados de 2019), a lógica é a mesma observada para o número de estabelecimentos,

tendo em vista que a única mudança que se observou na relação dos dez estados com maior número de vínculos empregatícios em 2019 foi a inclusão do Ceará no lugar do Espírito Santo (Gráfico 4). Nos dez estados com maior número de empregos no setor, destaca-se e concentração dos empregos no Estado de São Paulo (30,5%), em comparação com o número de estabelecimentos.

Gráfico 4 – Distribuição geográfica (%) dos empregos na indústria de bebidas alcoólicas brasileira em 2019



Fonte: RAIS (2020). Elaboração do ETENE/BNB.

Fenômeno semelhante ocorre em outros estados, como Rio de Janeiro, Ceará, Paraná e Goiás, o que denota a predominância de grandes empresas do setor nesses estados, especialmente produtoras de cervejas e subsidiárias de multinacionais produtoras de outros tipos de bebidas alcoólicas. Por outro lado, em outros estados como o Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Santa Catarina, entre outros, ocorre exatamente o contrário, ou seja, há maior concentração relativa de empresas do que de empregos, configurando-se a predominância de empresas de menor porte, denotando um caráter mais artesanal da produção de bebidas alcoólicas nesses estados.

A indústria de bebidas alcoólicas do Nordeste, considerando os dados de 2018, concentra 12,7% dos estabelecimentos e 22,5% dos empregos. O percentual de empregos bem maior do que o percentual de estabelecimentos indica a predominância de empresas de maior porte na indústria de bebidas alcoólicas na região. Já na Região Sul (37,9% dos estabelecimentos e 18,2% dos empregos) ocorre o contrário, com grande influência do quadro do Rio Grande do Sul, o que é consequência da concentração de produtores de vinhos naquele Estado, no qual 85,8% das empresas possuem até 9 funcionários, configurando-se como microempresas.

3 PERSPECTIVAS

Alguns fatores de âmbito macroeconômico, como de praxe, afetarão o desempenho do mercado mundial de bebidas alcoólicas nos próximos anos, bem como o mercado nacional. Euromonitor International (2020d) aponta alguns riscos macroeconômicos globais para a indústria de bebidas alcoólicas, alguns dos quais são fortemente relacionados: (1) Desaceleração global; (2) Desaceleração do crescimento nos mercados emergentes (incluindo a China); (3) Recessão da zona do euro; (4) Guerra comercial entre EUA e China. Além desses riscos, um fato bastante recente que impactou fortemente o mercado mundial (e nacional) de bebidas alcoólicas foi a pandemia do

COVID-19. Em função disso, Euromonitor International (2020b) prevê uma forte queda de 8,3% do consumo de bebidas alcoólicas (em volume) em 2020, em relação a 2019, seguida de crescimento médio de 2,3% (CAGR) por ano nos anos seguintes (Tabela 9).

Tabela 9 – Consumo previsto de bebidas alcoólicas nos dez principais mercados mundiais (em milhões de litros): 2020 a 2024

Localidade	2020	2021	2022	2023	2024
China	48.445	52.889	52.255	51.593	50.915
EUA	28.660	28.903	29.299	29.824	30.229
Brasil	11.580	11.413	11.686	12.128	12.645
Alemanha	11.063	11.441	11.629	11.698	11.720
México	8.740	9.435	9.840	10.099	10.266
Rússia	9.484	9.036	9.207	9.288	9.371
Japão	8.125	8.290	8.235	8.234	8.205
Reino Unido	6.791	7.151	7.349	7.546	7.693
Índia	4.856	5.341	5.626	5.913	6.210
Vietnã	4.065	4.519	5.043	5.266	5.460
Outros	93.929	96.461	99.414	102.304	105.323
Mundo	235.740	244.880	249.584	253.893	258.036

Fonte: Euromonitor International (2020b). Elaboração do ETENE/BNB

Entre os dez maiores mercados consumidores do mundo, em termos de crescimento do consumo de bebidas alcoólicas nos próximos 5 anos, destacam-se o México, O Reino Unido, a Índia e o Vietnã, que apresentarão taxa média de crescimento anual acima da prevista para o mercado mundial, conforme se pode verificar na tabela 10. Todos os países apresentarão queda no consumo de bebidas alcoólicas em 2020, com recuperação do crescimento nos anos seguintes, entretanto com velocidades diferentes. O mercado mundial deve retornar ao nível de consumo de 2019 apenas em 2024.

Tabela 10 – Crescimento anual (%) previsto do consumo de bebidas alcoólicas nos dez principais mercados mundiais: 2020 a 2024

Localidade	2020	2021	2022	2023	2024
China	-11,7%	9,2%	-1,2%	-1,3%	-1,3%
EUA	-5,8%	0,8%	1,4%	1,8%	1,4%
Brasil	-16,3%	-1,4%	2,4%	3,8%	4,3%
Alemanha	-7,6%	3,4%	1,6%	0,6%	0,2%
México	-5,6%	7,9%	4,3%	2,6%	1,7%
Rússia	-5,8%	-4,7%	1,9%	0,9%	0,9%
Japão	-5,9%	2,0%	-0,7%	0,0%	-0,3%
Reino Unido	-9,3%	5,3%	2,8%	2,7%	1,9%
Índia	-16,0%	10,0%	5,3%	5,1%	5,0%
Vietnã	-19,0%	11,2%	11,6%	4,4%	3,7%
Mundo	-8,3%	3,9%	1,9%	1,7%	1,6%

Fonte: Euromonitor International (2020b). Elaboração do ETENE/BNB.

A dinâmica do mercado mundial, antes da ocorrência da pandemia do COVID-19, sinalizava uma maior demanda por complexidade, autenticidade, novidade e persona-

lização, especialmente nos mercados maduros. Soma-se a isso a valorização pelas bebidas artesanais, especialmente no segmento das cervejas. Nesse sentido, os consumidores estavam dispostos a pagar mais caro (preço prêmio) por alta qualidade. Por isso mesmo, apesar de se prever baixo crescimento em volume, havia uma tendência de maior crescimento em valor das vendas.

Em termos de segmentos, os *spirits* (especialmente uísque e gin), as cervejas aromatizadas/mistas (com sabores incorporados) e as cervejas sem álcool são os tipos de bebidas com as melhores perspectivas de crescimento no mercado mundial. As cervejas aromatizadas possuem forte penetração nas cervejarias artesanais.

Essas perspectivas consideradas até então sofrerão algumas mudanças de curso em função da pandemia do COVID-19. De acordo com Euromonitor International (2020e), a indústria de bebidas alcoólicas não vai escapar da onda de efeitos que irão remodelar as redes sociais, normas e atitudes, fundamentos macroeconômicos e rituais e ocasiões de consumo de bebidas. Além dos impactos de curto prazo associados às medidas de isolamento social adotadas em diversos países do mundo, que afetou drasticamente o mercado “on-trade”, principal canal de comercialização de bebidas alcoólicas, serão as mudanças de médio e longo prazo que apresentarão os maiores riscos negativos, por um lado, e vislumbres de esperança, por outro lado. Embora algumas das tendências identificadas no passado (como vendas on-line), sem dúvida serão reforçadas ainda mais, outras (como a narrativa da premiumização) precisarão ser reavaliadas em sua relevância e posicionamento. Quanto maior a capacidade das empresas em fazer rapidamente e eficientemente a transição para vendas on-line, menores serão as perdas.

O principal desafio que as empresas precisarão lidar, no longo prazo, refere-se a uma possível mudança radical nos padrões de consumo (que será geracional), que se configurará o “novo normal”. Isso inclui o questionamento do “mantra” da premiumização e o redesenho dos momentos de encontros, que poderão ser direcionados à virtualização.

Em resumo, alguns aspectos-chave relacionados aos impactos do coronavírus na indústria de bebidas alcoólicas podem ser destacados (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2020e):

- Não haverá uma recuperação em forma de “V”, conforme inicialmente alguns economistas advogavam. As medidas de isolamento social durarão meses e serão globais, mesmo que em ondas. O colapso dos canais “on-trade” na maioria dos mercados precisa ser abordado primeiro. Para tal, agilizar a inovação é essencial;
- Os efeitos econômicos serão sem precedentes, com interrupção prolongada e ganhos sob forte pressão. Mudar para vendas on-line e promover ocasiões virtuais e on-line será essencial;
- A combinação dos efeitos traumáticos de longos períodos de distanciamento social e um novo normal recessivo dará início a novas tendências. O questionamento

da premiumização, o aumento do entretenimento doméstico e o surgimento de novas ocasiões “virtuais” reformularão a indústria de bebidas alcoólicas.

O Brasil, como importante player no mercado mundial, deverá estar inserido nessas novas tendências, tanto no curto, como no médio e longo prazo.

O mercado brasileiro, após anos seguidos de queda do consumo, iniciou uma recuperação em 2019, interrompida em 2020 devido à pandemia, com previsão de início de um novo ciclo de crescimento apenas em 2022 (Tabelas 11 e 12).

Tabela 11 – Consumo previsto de bebidas alcoólicas no Brasil por tipo (em milhares de litros): 2020 a 2024

Tipos de Bebidas	2020	2021	2022	2023	2024
Cerveja	10.594.900	10.459.800	10.712.800	11.116.800	11.588.600
Vodca, Whisky, Cachaça, Gin e outros (<i>spirits</i>)	553.244	518.003	516.511	522.341	530.605
Vinho	302.400	311.700	333.400	364.100	399.400
RDTs/HS	113.961	108.939	109.138	110.846	112.730
Cidras	15.210	14.479	14.188	14.121	14.167
Total	12.645.502	12.645.502	12.645.502	12.645.502	12.645.502

Fonte: Euromonitor International (2020a). Elaboração do ETENE/BNB.

Tabela 12 – Crescimento anual (%) previsto do consumo de bebidas alcoólicas no Brasil por tipo: 2020 a 2024

Tipos de Bebidas	2020	2021	2022	2023	2024
Cerveja	-16,1%	-1,3%	2,4%	3,8%	4,2%
Vodca, Whisky, Cachaça, Gin e outros (<i>Spirits</i>)	-22,3%	-6,4%	-0,3%	1,1%	1,6%
Vinho	-8,5%	3,1%	7,0%	9,2%	9,7%
RDTs/HS	-15,7%	-4,4%	0,2%	1,6%	1,7%
Cidras	-10,8%	-4,8%	-2,0%	-0,5%	0,3%
Total	-16,3%	-1,4%	2,4%	3,8%	4,3%

Fonte: Euromonitor International (2020a). Elaboração do ETENE/BNB.

Com base nessa previsão, percebe-se que nesse horizonte de 5 anos o volume de vendas não se recuperará aos níveis anteriores à pandemia (13,8 bilhões de litros em 2019), muito menos aos níveis anteriores à crise de 2015-2016 (15,1 bilhões de litros em 2014), com maiores impactos nas vendas de cervejas e de *spirits*. No caso das cervejas, a principal explicação para tal comportamento atrela-se à queda do poder de compra da população de baixa renda, que contribuiu de forma relevante (especialmente a chamada “classe C”) para o crescimento do consumo de cerveja no período pré-crise de 2015-2016, sendo novamente fortemente afetada com o advento da pandemia da COVID-19. Já no caso dos *spirits*, após forte incremento do consumo de uísque e gin pelas classes de maior renda, a questão cambial e a perda de poder de compra (especialmente devido à pandemia) são os principais fatores explicativos da forte retração das vendas.

Em termos de dinâmica do mercado brasileiro, o espaço para novos participantes e players de menor porte continua a diminuir. O crescimento da carteira via fusões, aquisições e acordos de distribuição continua a impulsionar a consolidação, especialmente no segmento das cervejas, apesar do forte crescimento das micro cervejarias. No caso dos grandes fabricantes de cervejas, conforme citado anteriormente, as empresas buscaram, nos últimos anos, fortalecer seus posicionamentos nos diferentes segmentos de mercado, com grande atenção direcionada ao nicho das cervejas premium. As estratégias para tal envolveram desenvolvimento de novos produtos, aquisições e impor-

tações, incluindo, também, as cervejas artesanais. Adicionalmente, destaca-se o investimento em inovações (inclusive por meio de startups) voltadas às vendas on-line. É o caso, por exemplo, da AMBEV, que criou o aplicativo “Zé Delivery”. O Zé Delivery é fruto do de um desenvolvimento interno da ZX Ventures, o braço de inovação mundial da AB Inbev, holding global da Ambev. O sistema oferece um serviço pelo qual consumidores podem pedir cerveja, refrigerantes e energéticos gelados pelo celular e receber em casa no mesmo dia, que foi iniciado de forma piloto em 2016 em São Paulo, sendo posteriormente expandido para outras regiões do País, estando atualmente presente em praticamente todas as capitais. Tal aplicativo mostrou-se uma ferramenta de vendas essencial com o advento da pandemia do COVID-19. Tal plataforma registrou, nos meses de março e abril de 2020, mais transações do que todo o ano de 2019, o que ajudou a minimizar, mas não evitou a queda de 27% nas vendas em abril, em comparação com o mesmo mês do ano passado. Na avaliação dos executivos da empresa, a pandemia não provocou mudanças significativas no perfil de consumo de bebidas, apenas acelerou tendências que já existiam no país, como o aumento do consumo de marcas premium e das vendas on-line (Bouças, 2020). Além dessa iniciativa do serviço de entregas, a AB Inbev criou a Z.Tech, empresa de tecnologia que aposta em uma carteira digital e um mercado de produtos de atacado. A maior fabricante de cervejas do mundo também quer fornecer, além das bebidas, serviços a seus clientes através da startup, digitalizando o pequeno varejo.

Com relação à produção de cervejas artesanais, após uma relativa consolidação do mercado brasileiro para esse tipo de produto, as empresas começaram a investir mais na inovação de produtos e de processos, de modo a se manterem competitivas. Entre as inovações de processos, destaca-se a aplicação da Internet das Coisas (IoT – Internet of Things) nos processos, tecnologias para garantir a rastreabilidade (por exemplo, QR Code), inovação no uso de leveduras, entre outras. Em termos de estratégias de competição no mercado, algumas cervejarias têm buscado a expansão por meio de franquias (GINAK, 2020). Com o advento da pandemia do COVID-19 o impacto nas cervejarias artesanais foi muito alto, tendo em vista que muitas delas produzem apenas para consumo nos chamados “tap rooms” (bares que vendem cervejas/chopes em torneiras) de marcas próprias. Em função disso, muitas das microcervejarias tiveram de investir emergencialmente na adaptação para vendas on-line, de modo a minimizar os impactos da pandemia. Ademais, as empresas estruturadas para comercializar seus produtos apenas para esse canal de venda (tap room) terão que repensar suas estratégias, de modo que possam também acessar os consumidores por meio do varejo e, para tal, precisarão investir em processos de engarrafamento.

No que diz respeito à distribuição territorial da produção, apesar da característica do setor de possuir ampla distribuição regional da produção, devido às características dos produtos, que têm a água como insumo básico, o que torna a opção de produzir localmente mais racional, para a Região Nordeste isso pode se configurar como um fator crítico, tendo em vista a carência de água em boa parte do território nordestino, notadamente após períodos de estiagem prolongada, tais como os vivenciados até o ano passado.

Por outro lado, o grande crescimento observado na produção e consumo de cervejas artesanais torna necessário um monitoramento mais cuidadoso do comportamento desse segmento no Nordeste, para que não haja o risco de sobreoferta nos próximos anos, especialmente se considerando que o fator renda é muito importante para o consumo de produtos desse segmento, ainda mais se considerando os impactos da pandemia do COVID-19, conforme supracitado.

Nesse sentido, o momento atual é de parcimônia em termos de novos investimentos, com necessidade mais urgente das empresas de suportarem o cenário atual de curto prazo (capital de giro), com forte queda nas vendas. No médio e longo prazo, as necessidades de investimentos e, conseqüentemente, de financiamentos, devem estar relacionadas à fabricação de produtos que atenderão a nichos específicos de mercado, ou à adequação dos processos de produção às novas necessidades (por exemplo, processos de engarrafamento em microcervejarias que ainda não dispõem dos mesmos).

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO. Números do setor – Faturamento. Disponível em <https://www.abia.org.br/vsn/anexos/faturamento2019.pdf> Acesso em 16 Abr. 2020.

BOUÇAS, C. Volume de venda da AMBEV cai 27% em abril. Valor Econômico. Disponível em <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/05/08/volume-de-venda-da-ambev-cai-27-em-abril.ghtml> Acesso em 25 Mai. 2020.

CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged.php> Acesso em 13 Abr. 2020.

CERVIERI JÚNIOR, O.; TEIXEIRA JUNIOR, J. R.; GALINARI, R.; RAWET, E. L.; SILVEIRA, C. T. J. O setor de bebidas no Brasil. **BNDES Setorial**, n. 40, p. 93-130, 2014.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA – CNI. Indicadores industriais. Disponível em <http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/indicadores-industriais/> Acesso em 13 Abr. 2020.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Alcoholic Drinks in Brazil**. London: Euromonitor International, 2019.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Market Sizes: historical/forecast**. Brazil. London: Euromonitor International, 2020a.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Market Sizes: historical/forecast**. World. London: Euromonitor International, 2020b.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Company shares: % breakdown**. Brazil. London: Euromonitor International, 2020c.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Alcoholic Drinks: quarterly statement Q4 2019**. London: Euromonitor International, 2020d.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **The Impact of Coronavirus on Alcoholic Drinks**. London: Euromonitor International, 2020e.

FUNCEXDATA. Estatísticas de comércio exterior. Disponível em <http://www.funcexdata.com.br/busca.asp> Acesso em 18 Mai. 2020 (Acesso Restrito).

GINAK, L. Microcervejarias inovam para sobreviver além do líquido. O Estado de São Paulo. Disponível em <https://pme.estadao.com.br/noticias/geral,microcervejarias-inovam-para-sobreviver-alem-do-liquido,70003208958> Acesso em

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Pesquisa industrial anual – PIA Produto. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5807> Acesso em 06 Mai. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Pesquisa industrial mensal Pessoa Física – PIM-PF. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3650> Acesso em 06 Mai. 2020.

MALTA, C.; BOUÇAS, C. Heineken bate no teto da produção de cerveja premium. Valor Econômico. Disponível em <https://www.valor.com.br/empresas/6033273/heineken-bate-no-teto-da-producao-de-cerveja-premium> Acesso em 20 Dez. 2018.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO - MAPA. Anuário da cerveja 2019. Disponível em <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/total-de-cervejarias-registradas-no-mapa-cresceu-36-em-2019-e-chegou-a-1.209/anuariocervejaWEB.pdf> Acesso em 11 Mai. 2020.

RAIS - Relação anual de informações sociais. Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php> Acesso em 13 Abr. 2020.

ANÁLISES DISPONÍVEIS

AGROPECUÁRIA

- Cajucultura - 05/2020
- Grãos (1ª safra) - 5/2020
- Mel - 04/2020
- Comércio exterior do Nordeste - 03/2020
- Citricultura - 12/2019
- Café - 12/2019
- Hortaliças - 11/2019
- Mandioca - Raiz, farinha e fécula - 11/2019
- Algodão - 10/2019
- Grãos - feijão, milho e soja - 09/2019
- Flores e plantas ornamentais - 09/2019
- Carnes: "preço do boi nos ares" - 09/2019
- Pescados - 08/2019
- Fruticultura - 06/2019
- Comércio exterior: cacau e seus produtos - 06/2019
- Grãos: feijão, milho e soja - 05/2019
- Comércio exterior: produtos apícolas - 04/2019
- Comércio exterior: sucos de frutas - 04/2019
- Comércio exterior: sucroalcooleiro - 04/2019
- Comércio exterior: fibras e produtos têxteis - 04/2019
- Comércio exterior: frutas, nozes e castanhas - 03/2019
- Comércio exterior: setor florestal - 03/2019
- Comércio exterior: grãos - 03/2019
- Comércio exterior no Nordeste - 03/2019
- Silvicultura - 02/2019
- Sucroalcooleiro - 02/2019
- Apicultura - 01/2019

INDÚSTRIA

- Indústria de Alimentos - 05/2020
- A Indústria Têxtil no Nordeste, Norte de Minas e Norte do Espírito Santo - Contextualização e perspectivas - 10/2019
- Indústria Petroquímica - 10/2019
- Indústria Siderúrgica - 08/2019
- Setor moveleiro - 07/2019
- Indústria de bebidas não alcoólicas - 07/2019
- Indústria de Alimentos - 05/2019
- Bebidas Alcoólicas - 05/2019

INFRAESTRUTURA E CONSTRUÇÃO CIVIL

- Energia Solar - 03/2020
- Distribuição de energia elétrica - 10/2019
- Micro e minigeração distribuída - 07/2019
- Saneamento - 06/2019
- Telecomunicações - 06/2019
- Biocombustíveis - 05/2019
- Energia eólica - 02/2019
- Energia elétrica - 01/2019
- Saneamento - 01/2019
- Transportes - 01/2019

COMÉRCIO E SERVIÇOS

- Shopping Centers - 02/2020
- Turismo - 12/2019
- Serviços 2019/2020 - 11/2019
- Comércio 2019/2020 - 09/2019
- Comércio eletrônico - 08/2019
- Hoteleiro - 08/2019
- Saúde - 07/2019
- Shopping Centers - 02/2019

ANÁLISES SETORIAIS ANTERIORES

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes/CADERNO-SETORIAL>

CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes-editadas-pelo-etene>

ANÁLISES PREVISTAS PARA 2020

Análise setorial	Previsão 2020
Saneamento	Abril
Indústria da construção civil	Mai
Indústria de bebidas alcoólicas	Mai
Cocoicultura	Mai
PET	Junho
Sucroenergético	Junho
E-commerce	Junho
Energia eólica	Julho
Indústria de bebidas não alcoólicas	Julho
Produção de mandioca - raiz, farinha e fécula	Julho
Silvicultura	Julho
Indústria siderúrgica	Agosto
Grãos (2ª safra)	Agosto
Móveis	Agosto
Bovinocultura leiteira	Agosto
Biocombustíveis	Agosto
Hotelaria	Agosto
Microgeração de energia	Setembro
Indústria petroquímica	Setembro
Floricultura	Setembro
Algodão	Outubro
Fruticultura	Outubro
Turismo	Outubro
Rochas ornamentais	Novembro
Petróleo e gás natural	Novembro
Hortaliças	Novembro
Cafeicultura	Dezembro
Aquicultura e pesca	Dezembro
Shopping Center	Dezembro
Telecomunicações	Julho
Micro e pequenas empresas	Março
Saúde	Novembro
Setor têxtil	Setembro
Vestuário	Mai
Comércio	Dezembro
Serviços	Dezembro